

UNILETRAS

**GÊNEROS E SEXUALIDADES DISSIDENTES OU QUEER/CUÍR/QUIR NAS
AMÉRICAS: ARTES, POLÍTICAS E ESCRITURAS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Luciano Vargas

DIRETOR DO SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Luis Fernando Cerri

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Eliane Santos Raupp

UNILETRAS

EQUIPE EDITORIAL

Marly Catarina Soares

Lucan Fernandes Moreno

EDITOR DO DOSSIÊ

MARCELO SPITZNER

REVISOR ORTOGRÁFICO

Marly Catarina Soares, Lucan Fernandes Moreno e MARCELO SPITZNER

REVISOR DE LINGUA INGLESA

Johann Serman Domaradzki

CONSELHO EDITORIAL

Agnès Levécot - Sorbonne - Paris	Maria Tereza Amodeo - PUCRS
Alexandre Soares Carneiro - UNICAMP	Orna Messer Levin - UNICAMP
Antonio Donizeti da Cruz - UNIOESTE	Pedro Carlos Louzada Fonseca - UFG
Clarice Nadir Von Borstel - UNIOESTE	Regina Dalcastagnè - UnB
Danglei de Castro Pereira - UEMS	Rosane Cardoso - UNIVATES
Fernando de Moraes Gebra - UNILA	Rozana Aparecida Lopes Messias - UNESP/ASSIS
Luciana Marino do Nascimento - UFAC	Tânia Regina Oliveira Ramos - UFSC
Luís Isaías Centeno do Amaral - UFPEL	Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - UFMG
Marcus Vinicius de Freitas - UFMG	Valdirene Zorzo-Veloso - UEL
Maria Cristina de Almenida Mello Laranjeira - UC	Vilson Leffa - UCPel
Maria Cristina Fernandes Salles Altman - USP	Antonio Donizeti Da Cruz - UNIOESTE
Maria Marta Furlanetto - UFSC	

COMISSÃO DE AVALIADORES

Allan Valenza de Silveira - UFPR	Jane Kelly Oliveira - UEPG	Ubirajara Araujo Moreira - UEPG
Antônio João Teixeira - UEPG	Keli C. Pacheco - UEPG	Valeska Gracioso Carlos - UEPG
Anderson Carnin - UNISINOS	Letícia Fraga - UEPG	Anderson Carnin - UNISINOS
Andrea Correa Paraíso Muller - UEPG	Lígia Paula Couto - UEPG	Andrea Correa Paraíso Muller - UEPG
Clarice Nadir von Borstel - UNIOESTE	Luísa Cristina dos Santos Fontes - UEPG	Claudia Maris Tullio - UNICENTRO
Claudia Maris Tullio - UNICENTRO	Marcos Barbosa Carreira - UEPG	Diego Gomes Do Valle - UEPG
Clóris Porto Torquato - UEPG	Maria Marta Furlanetto - UNISUL	Giselle Cristina Smaniotto - UEPG
Daniel de Oliveira Gomes - UNICENTRO	Naira de Almeida Nascimento - UFTPR	Letícia Fraga - UEPG
Diego Gomes Do Valle - UEPG	Rosana Apolônia Harmuch - UEPG	Lígia Paula Couto - UEPG
Elódia Constantino Roman - UEPG	Sebastião Lourenço dos Santos - UEPG	Marcelo Spitzner - UFRA
Genilda Azerêdo - UFPA	Tânia Regina Oliveira Ramos - UFSC	
Giselle Cristina Smaniotto - UEPG	Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - UFMG	

ISSN 0101-8698

UNILETRAS

**GÊNEROS E SEXUALIDADES DISSIDENTES OU QUEER/CUÍR/QUIR NAS
AMÉRICAS: ARTES, POLÍTICAS E ESCRITURAS**

V. 39, N. 2

Editora
UEPG

CAPA
Viviane Motim

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Andressa Marcondes

UNILETRAS (Universidade Estadual de Ponta Grossa).
Departamento de Estudos da Linguagem - DEEL. Ponta Grossa,
PR, Brasil, 1979 -

Anual de 1979-2007.
Semestral 2008-.

ISSN 0101-8698 - impresso CCN 078192-4
1983-3431 - on-line

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REVISTA INDEXADA EM

GEODADOS: Base de dados da UTFPR

CLASE: Base de Datos Bibliográfica de Revistas de Ciencias Sociales y Humanidades da
Universidade Nacional Autónoma de México

RCAAP: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

UNILESTE: www.unilestemg.br/bbl/per3-21-20.html

UNIVILLE: www2.univille.edu.br/biblioteca

QUALIS CAPES

CORRESPONDÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO/PERMUTAS

Revista Uniletras
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Departamento de Estudos da Linguagem
Praça Santos Andrade, nº 1
Ponta Grossa – Paraná – 84010-919
Fone: (42) 3220-3191
E-mail: uniletras@uepg.br
<http://www.revista2.uepg.br/index.php/uniletras>

Permutas: intercambio@uepg.br
uniletras@live.com

VENDAS - Editora e Livrarias UEPG
Fone/fax: (42) 3220-3306
E-mail: vendas.editora@uepg.br / livraria@uepg.br
<http://www.uepg.br/editora>

SUMÁRIO

- 149 **Apresentação:** Gêneros e Sexualidades Dissidentes ou Queer/Cuír/Quir nas Américas: artes, políticas e escrituras – contextualização e apresentação

Marcelo Spitzner

DOSSIÊ TEMÁTICO

GÊNEROS E SEXUALIDADES DISSIDENTES OU QUEER/CUIR/QUIR NAS AMÉRICAS: ARTES, POLÍTICAS E ESCRITURAS

- 157 NOSSO CAOS, NOSSO COSMOS: NOTAS SOBRE A MEMÓRIA E A CULTURA LGBT BRASILEIRA

Remom Matheus Bortolozzi e Felipe Areda

- 175 SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E IMAGENS: UM OLHAR SOBRE ALAIR GOMES
Tatiana Brandão de Araujo e Cláudia Mariza Mattos Brandão

- 189 DEVIR-TERROR: O INCONCILIÁVEL E O DIALÓGICO NAS AÇÕES ESTÉTICO-POLÍTICAS DO COLETIVO COIOTE

Andiara Ramos Pereira

- 203 ESCRITA DE SI, ESCRITA DA DIFERENÇA
Mauricio Marques de Souza (Maurin K)

- 221 FEMINISMOS QUIR: ARTE E ATIVISMO NA AMÉRICA LATINA NOS VESTÍGIOS DAS DITADURAS

Bárbara Ahouagi

233 (RE)LENDO GÊNEROS, SEXUALIDADES E ESTADO NORMATIVO EM PELO MALO
Claudia Mayer

243 CUBA: (IM)POSSIBILIDADES QUEER NA ERA DA TOLERÂNCIA
Lourdes Martinez-Echazábal (tradução de Claudia Mayer)

257 LUNDU, PADÊ, APOCALIPSE CUÍR - ENTREVISTA COM TATIANA NASCIMENTO
Marcelo Spitzner, Tatiana Nascimento

269 **RESENHA:** TRANSLOCALITIES/TRANSLOCALIDADES: FEMINIST POLITICS
OF TRANSLATION IN THE LATIN/A AMÉRICAS. (2014). DURHAM: DUKE
UNIVERSITY PRESS, 2014.

Thaís Ribeiro Bueno

TEMA LIVRE

277 UM ESTUDO ENUNCIATIVO DE RACHEL DE QUEIROZ À LUZ DO
HIPERGÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
Ivan Vale de Sousa

293 DONA DE CASA OU DONA DE SI? UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO
FEMININA EM PRODUTOS DE LIMPEZA E ALIMENTÍCIOS
Ricardo Santos David

311 APRENDER E ENSINAR A ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DOS NOVOS ESTUDOS
DO LETRAMENTO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA
Giselle Cristina Smaniotto

321 ENGLISH TEACHERS' IDENTITIES CONCERNING THEIR KNOWLEDGE OF
SLANG
Fábio Henrique Rosa Senefonte

APRESENTAÇÃO

GÊNEROS E SEXUALIDADES DISSIDENTES OU QUEER/CUÍR/QUIR NAS AMÉRICAS: ARTES, POLÍTICAS E ESCRITURAS – CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Marcelo Spitzner*

A partir da concepção de *queer* como projeto epistemológico ao invés de identitário, implicando uma abrangência crescente de questões, reflexões e debates acerca de gêneros e sexualidades, e de seu impacto sobre a construção de conhecimento sobre o que é normativo, normal, legal, próprio, este dossiê, levando adiante a proposta do simpósio temático celebrado no *II Desfazendo Gênero*, em setembro de 2015, na cidade de Salvador – Bahia, se propõe a discutir de que maneira se expressam as experiências das dissidências sexuais em contextos nacionais, em que os engajamentos e as identidades sociais, culturais e políticas são historicamente controlados por estados normativos. Aquele simpósio temático intitulado **(im) possibilidades queer nas Américas – políticas, artes e epistemologias/ (im)posibilidades cuír en las Américas: políticas, artes y epistemologías/queer (im)possibilities in Américas: politics, arts and epistemologies** e coordenado por mim e pela Professora Doutora Lourdes Martinez-Echazábal se propunha a debater:

- de que maneira pensamentos e ativismos não normativos ou não-binários encontrariam espaços legítimos dentro do estado, da academia e outras instituições sociais;
- os modos como expressões culturais e políticas se relacionam com formas de expressão não normativas, especialmente nos últimos 20 anos;
- de que maneira intersecções entre eixos identitários distintos (sexo, gêneros, raça, etnia, religião, deficiência, origem, etc.) podem ser, desde perspectivas *queer*, (trans)feministas e não-normativas, vivíveis dentro dos domínios dos estados latino-americanos e suas políticas sociais;
- meios para promover uma discussão que vise apontar a ingerência do Estado sobre os corpos das pessoas a fim de liberá-los de suas práticas repressoras;
- que possibilidades artísticas e intervenções políticas podem desestabilizar a disciplina dos espaços acadêmicos e sócio-culturais.

* Professor de Estudos Literários da Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Tomé-Açu. Contato: marcelospitzner@gmail.com – marcelo.spitzner@ufra.edu.br .

Nesse sentido, propúnhamos que a discussão partisse de uma ideia de *queer* como um campo radicalmente instável e sob constante re-significação rumo a projetos políticos cada vez mais (im)próprios, de forma a sistematizar formulações teóricas no âmbito de uma epistemologia da diferença a partir de configurações brasileiras e latino-americanas. Dessa forma este dossiê se propõe ainda a abrir um espaço de interlocução e de reflexão crítica sobre concepções políticas, teóricas e artísticas que contribuam para ampliar o ativismo *queer* em movimentos sociais diversos e nos âmbitos acadêmico e artístico.

Percebem-se nos últimos anos aproximações sociais e cooperações econômicas, sobretudo incentivadas pela emergência das novas esquerdas ao poder, que podem nos levar a pensar que novas afinidades podem ser destacadas e, que, à medida que essas vozes historicamente silenciadas fortalecem seus discursos, novas redes de solidariedade e novos instrumentos de contestação da colonialidade do poder se instauram, a região pode desenvolver o que Walsh apud Costa (2010, p. 51) chama de *pensamiento propio* latino-americano. Segundo a autora,

[n]este sentido, *pensamiento propio* é sugestivo de um pensamento crítico diferente, que pretende marcar uma divergência com o pensamento dominante ‘universal’ (incluindo suas vertentes críticas, progressistas e de esquerda). Essa divergência não se destina a simplificar o pensamento indígena ou negro, ou relegá-lo à categoria ou estatuto de pensamento localizado, situado e culturalmente específico e concreto, isto é, como nada mais que ‘conhecimento local’ entendido como mera experiência. Pelo contrário, é apresentar seu caráter político e descolonial, permitindo uma conexão entre os vários *pensamientos propios* como parte de um projeto mais amplo de pensamento crítico e ‘outros’ conhecimentos.

Isso me faz acreditar, e apostar, na possibilidade de uma teoria *queer* a partir espaço geopolítico reconhecido como Sul, pensada através das inúmeras produções culturais que colocam em xeque as normas de gênero, sexualidade, classe, localização, religião, fronteiras, contribuindo para a construção de novas cosmologias e epistemologias a partir de outros lugares de enunciação e, sobretudo, a partir de outros sujeitos de enunciação, de maneira que aquilo que Spivak (2010, p. 20) fez notar de que “algumas das críticas mais radicais produzidas pelo Ocidente hoje são o resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o Ocidente como Sujeito” possa ser posto diante de uma espécie de “giro decolonial” da teoria *queer*.

Mas, um processo decolonial também poderia apontar a presentificação do outro e o reconhecimento de sua posição de poder têm-se dado não só por meio da apropriação, mas pela produção de novos e de outros caminhos em que os saberes tradicionais, experiências de opressão e de transgressão podem ser potentes instauradores de outra economia política de conhecimento (Cuscicanqui).

Este dossiê, entre outras possibilidades de leitura, busca entender como a teoria *queer* penetra, viaja e é recebida na América Latina e como a América Latina reage e re-impulsiona

os estudos *queer*. No entanto, é preciso fazer algumas ressalvas quanto ao uso dos termos “penetrar”, “viajar”, e “receber”, quando se trata de uma teoria ou de um campo de conhecimento que parte de lugar geralmente econômica e politicamente hegemônico, como os EUA, para um país ou uma região, como o Brasil, especificamente, ou a América Latina, em geral². Os termos “penetrar” e “viajar” carregam a carga semântica da ação de quem penetra e viaja ao passo que revela a passividade de quem ou do local penetrado ou em que se aterrissa. O termo “receber” também pode aludir a passividade do receptor. Portanto, esses termos podem se revelar como metáforas heterossexistas. Mesmo assim, pretendo, com os devidos cuidados, manter esses termos. Primeiramente para problematizar essa penetração, perturbá-la e sacudi-la demonstrando que o processo de recepção nem sempre é passivo e pacífico, que resistências e deslocamentos são constitutivos desses processos. O termo viagem, e sobretudo o verbo viajar me agradam muito pelo seu caráter transitivo. Ao mesmo tempo em que a teoria *queer* pode viajar do norte, como origem, para o sul como destino, o sul também faz com que a teoria retome o seu curso, mas com as bagagens alteradas. Além disso, na maioria das vezes, as rotas não são lineares.

Nesse aspecto, para além desses cuidados que precisam ser tomados com os termos, há que se abrir a possibilidade de se repensar tanto a trajetória da teoria como a produção local para onde a teoria faz a sua viagem. Ou seja, quando se trata, no caso específico dos estudos *queer*, e seus, digamos, objetos críticos, tais como as sexualidades, a abjeção, o desejo e a crítica a heteronormatividade, poderíamos nos perguntar se esses objetos críticos já não estavam, de alguma maneira, sendo discutidos, pesquisados, problematizados em outros lugares e de maneira paralela ao campo teórico do Norte. Dessa forma, o primeiro problema é investigar a produção teórica da problematização dos corpos/das corporalidades/das sexualidades no Sul, na América Latina, e na sua relação com a produção teórica do Norte, sobretudo dos EUA (embora a França e a Espanha possuam papel relevante para discussão) para entender como a teoria *queer* se comporta. Mais ainda, pensar de que maneira se efetiva uma tradução cultural ou uma apropriação da teoria *queer* no sul. Essa tradução cultural se concretizaria numa teoria *queer* do Sul? Essa pergunta nos leva a discussão sempre presente da tradução do próprio termo “queer”. Outro problema que é muito relevante é a profícua discussão a respeito das sexualidades não normativas que já existiam na América Latina, e no Brasil particularmente. Podemos nos perguntar se não seria essa produção uma teoria *queer* *avant la lettre*. Autoras/es

¹ Usarei aleatoriamente os termos ‘teoria’, ‘estudos’ e ‘políticas’ *queer* para referir-me a abordagem *queer*. Minha tendência, no entanto, é preferir o termo estudos quando se tratar de abordagens sistematizadas na academia, e políticas quando a abordagem *queer* colocar em jogo as relações sociais, as atitudes cotidianas e nas relações com as instituições, ou ao que poderíamos chamar biopoder (para Foucault) ou farmacobiopornopoder (para Preciado) ou ainda à sexo-política colonial. Claramente, prefiro estudos à teoria, pois entendo que a abordagem *queer* é um campo bastante heterogêneo, muito mais do que um sistema teórico auto evidente e com fronteiras bem definidas..

² Raywen Connell, em entrevista a Miriam Adelman e a Carmem Rial (2013) reivindica a Austrália como Sul, apesar de ser um país economicamente considerado de Primeiro Mundo.

como Néstor Perlongher, João Silvério Trevisan, Leila Mícolis e Herbert Daniel já não estariam levantando questões e oferecendo análises sofisticadas, assim como também transgressivas, para questionar a sociedade hetero-normativa-capitalista. [Não teríamos, então, umas teorias devassa-viada-bicha-mona-marica-marimacha-sapatão-plebeya-delinquente?]

Assim como para Lisa Rose Bradford,

Clave en nuestra discusión sobre la importación y la integración de bienes culturales es cuestionar la hegemonía de los conceptos de original y copia de la llamada “política de linealidad”. Si las secuencias de la lectura de comienzo, final y continuidad pueden, como ha sugerido Edward Said, reemplazarse por elementos de repetición, diferencias, discontinuidad de apertura – la “lectura doble” de la desconstrucción – se podrán priorizar las relaciones complementarias y los comienzos en vez de los Orígenes. De esta forma, el valor prioritario Del original se diluye en el énfasis que se pone en la transculturación en su proceso generador en lugar de traductor. Ya vimos ejemplos de la disyunción que realiza la traducción en el ámbito de cultura y géneros, y dentro de la historia de la traducción, han existido distintas manifestaciones de la manipulación de los paradigmas importados para el beneficio de la cultura receptora. (1999-2000, p. 35)

Diante disso, talvez fosse a hora de se perguntar se a teoria *queer*, com todo o seu aparato, não suplanta todo um campo de conhecimento, ou seja, se a teoria *queer*, ao mesmo tempo que se afirma como uma teoria libertária e pós-identitária, paradoxalmente estabelece novo colonialismo e imprime, outra vez, uma identidade marcadamente anglo-franco-americana, onde poderia florescer, a partir de múltiplos saberes-teorias-epistemologias outras políticas e economias de conhecimentos sobre os corpos, as corporalidades e os desejos.

Este dossiê, como se vê a seguir, demonstra que a política de linearidade a que se refere Bradford é constantemente questionada e posta à prova e, como mostram Remom Matheus Bortolozzi, Felipe Arede, no ensaio *Nosso Caos, Nosso Cosmos: Notas sobre a Memória e a Cultura LGBT Brasileira*, há todo um arcabouço conceitual produzido por pensadoras LGBT que podem contribuir com a formação de um vocabulário de reflexão de nossa comunidade e construir conceito de cultura LGBT e sua ligação com o projeto político de criação de uma memória comunitária. Por outro lado, Tatiana Brandão de Araujo e Cláudia Mariza Mattos Brandão, em seu artigo *Sobre Questões de Gênero e Imagens: um olhar sobre Alair Gomes*, demonstram como olhar de Gomes objetifica o outro, logo e ao direcionar o seu olhar deixa de subverter a lógica binária do modo de ver ocidental. As autoras lançam mão de teóricas como Judith Butler e Laura Mulvey para sustentar as reflexões que apresentam, além de John Berger que alicerça a discussão sobre imagem como resultante de um ponto de vista único, uma (re)apresentação ideológica do mundo.

Andiara Ramos Pereira em seu texto *Devir-terror: o inconciliável e o dialógico nas ações estético-políticas do Coletivo Coiote* analisa duas ações estético-políticas do Coletivo Coiote a partir das noções de terrorismo poético, de pornoterrorismo e de contrassexualidade e Mauricio Marques

de Souza (Maurin K), em *escrita de si, escrita da diferença*, esboça uma cartografia a partir do mapeamento da publicação de *fanzines* no Brasil, Argentina e EUA. Essas ações e cartografias, como bem demonstra Maurin, “fazem da contraconduta de sexo e gênero uma ferramenta de desmantelamento do *capitalismo cognitivo* e buscam criar territórios existenciais mais fluidos a partir da escrita e da arte”. Da mesma maneira, no artigo *Feminismos queer: arte e ativismo na América Latina nos vestígios das ditaduras*, de Bárbara Ahouagi, apresenta-se uma reflexão crítica de ações que permeiam a arte, o ativismo e questões relevantes aos múltiplos feminismos, de diferentes partes da América do Sul, cuja condição marginal aproximam-se da perspectiva *queer*. Bárbara escolhe grafar o termo *queer* como *quir*, visando adaptar o termo à língua portuguesa e desconectá-lo irônica e poeticamente de sua origem em uma intenção simbólica decolonialista. Alguns autores de países periféricos também têm utilizado a grafia *cuir*, com a mesma intenção. Nesse dossiê, Claudia Mayer utiliza a grafia *cuír*. Há, além disso, diversas tentativas e intensos debates sobre tradução literal ou cultural do termo *queer*. Esse dossiê não está alheio a tal debate, mas está no cerne de toda compreensão de dissidências sexuais com que nos deparamos nas diversas manifestações artísticas e políticas aqui expressas. É certo que a potência da crítica *queer/quir/cuír* traduz-se nas intensas experiências marginais, de rua, nos corpos racializados, daqueles compreendidos como abjetos e que seguem afetando e resistindo à ordem colonial-capitalista.

Seguindo esse intenso debate, os dois últimos artigos do dossiê refletem sobre as relações dos sujeitos *queer/cuír* frente aos Estados normativos. Assim, Claudia Mayer, em seu texto intitulado *(Re)lendo gêneros, sexualidades e Estado normativo em Pelo Malo*, apresenta uma análise da relação entre o estado normativo e a experiência da sexualidade dissidente no filme venezuelano *Pelo Malo*, fundamentando sua análise na proposta de decolonização epistemológica constituída nos trabalhos de Gloria Anzaldúa, Walter Dignolo e Aníbal Quijano a fim de construir uma crítica à normatividade do Estado e contribuir com o fortalecimento dos projetos de libertação epistemológica do Sul Global frente aos violentos avanços neoliberais. Por sua vez, no artigo *Cuba: (Im)possibilidades queer na Era da Tolerância*, especialmente traduzido por Claudia Mayer para esse dossiê, a professora da University of California Santa Cruz, Lourdes Martinez-Echazábal, expõe o ostracismo e o ativismo LGBT em Cuba após a Revolução de 1959 e uma mudança significativa no enquadramento dos direitos LGBT na ilha pós anos 1990. Martinez-Echazábal levanta quatro importantes questionamentos a que busca responder em seu artigo. Seus questionamentos pautam as mudanças discursivas e institucionais dos direitos LGBT nas última décadas em Cuba; a maneira como a circulação transnacional de ideias sobre gênero e sexualidade influenciaram o ativismo e os estudos LGBT numa ilha que esteve relativamente isolada dos movimentos e da produção acadêmica globais até recentemente; a possibilidade de imaginar a *cuiridade* como algo além do modelo de governança binário heteronormativo que, desde os princípios da Revolução, marcou o modelo estatal e como artistas respondem a essas mudanças nesses contextos.

O dossiê encaminha-se para a finalização com uma entrevista com Tatiana Nascimento, a tate, intitulada *lundu, padê, apocalipse cuir - Entrevista com Tatiana Nascimento*, realizada através da troca de meios. Foram em torno de 30 trocas de meios enriquecidos por respostas, trocas de ideias e experiências a respeito de escritura, questões raciais, decoloniais, afetos, arte. A publicação dessa conversa com Tatiana realiza um desejo de compartilhar espaços de escritura com essa pessoa cheia de afetos, forte e desafiadora, como boa filha de Iansã que ela é!

O texto final do dossiê trata-se de uma bela resenha, feita por Thaís Ribeiro Bueno, a respeito de uma obra monumental intitulada *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation*. Publicada pela Duke University Press e organizada por Sonia Alvares, Claudia de Lima Costa, Verónica Feliu, Rebecca J. Hester, Norma Klahn e Millie Thayer, contando com mais de uma dezena de artigos/capítulos, resultado de mais de uma década de trabalhos desenvolvidos no campo das teorias feministas articuladas por e para mulheres provenientes de etnias minoritarizadas e países periféricos.

Dessa maneira, esse dossiê espera ser tanto uma contribuição como uma abertura para debates numa seara tão vasta de estudos e experiências acadêmicas, políticas e artísticas como o campo dos estudos queer/cuir/quir, das dissidências sexuais nas Américas. Por isso, não apenas desejamos boas leituras como futuras interlocuções.

REFERÊNCIAS

BRADFORD, Rose Lisa. El sentido de la traducción (desde los márgenes). In: **Dispositio/n**, Vol. 24, nº 51, Ann Arbor, 1999/2000.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. In **Fragmentos**, Florianópolis jul-dez/2010.n.39, p.45-59.

SPIVAK, Gayatri. Explanation and culture: marginalia. In: _____. **The Spivak Reader**. New York: Routledge, 1996.

_____. **Pode o subalterno falar?** [Sandra Regina Goulart Almeida et alli.]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.